

A CIDADE E OS SEUS MÚLTIPLOS OLHARES

Maria José Ferro Tavares*

O objecto do nosso estudo é o *olhar* sobre a cidade, expresso em fontes literárias de índole diversa: crónicas, poesia, teatro, livros de viagem, literatura de apologética, durante o período medieval e o início da modernidade¹. Verificámos que a cidade aparece integrada entre dois arquétipos que são também formas estereotipadas de a ver. Dialecticamente entendida como *Bem* ou *Mal*, a cidade surge, ora identificada com a Jerusalém celeste, o paraíso, ora associada a Babel, a cidade das múltiplas línguas e gentes, ora a Sodoma e a Gomorra, as cidades do pecado. A cidade surge, assim, no imaginário do homem medieval como a cidade de Deus, um local de felicidade e de paz, ou como a cidade do Demónio, um local de confusão, perversão e perdição.

Não foi fácil encontrar a descrição da *cidade* nas fontes que trabalhamos. O espaço urbano aparece identificado nas fontes literárias e históricas por três nomes distintos, que procurámos caracterizar, porque eles representam modos diferentes de entendimento desse mesmo espaço. Se a vila pode ser facilmente confundida com a cidade, na sua descrição, tal já não sucede com o lugar.

Numa primeira abordagem, verificámos que o núcleo urbano nos aparece designado de várias maneiras:

- *Lugar*, como o “*lugar que chamão Val de Vez, entre Monção, e Ponte de Lima*”, ou Leiria, com um castelo muito forte, ou Trancoso²,

* Universidade Aberta

¹ A base deste artigo é uma selecção aleatória de fontes narrativas e em verso, onde procurámos analisar o “olhar” sobre a cidade, através do “olhar” do autor.

² Duarte Galvão, *Chronica do muito alto, e muito esclarecido principe D. Affonso Henriques...*, Lisboa, 1727, cap. VIII, p. 10, cap. XI, p. 15, Cap. XXXVII, p. 49.

- *Vila*, como Guimarães, Leiria, Torres Novas, Arronches, Santarém³,
- *Cidade*, como Toledo, Coimbra, Porto, Sevilha, Lisboa, Tui⁴.

Por vezes, o mesmo documento, como a carta de foral de Bragança, usa indistintamente o termo *vila* e *civitas*⁵. Constatámos também que a “cidade” é uma praça forte de perímetro variável e habitado, geralmente amuralhada, oferecendo assim protecção e segurança aos habitantes que nela residem como aos do termo que a ela se acolhem. Polifuncional, ela é também mencionada como centro de poder político, militar, municipal, jurídico e religioso, por vezes, também como centro económico através da menção ao mercado. Nela é referido o paço, onde o rei estanca, como em Toledo ou em Coimbra, ou em Tui, ou o lugar onde a corte e as cortes se reúnem, como em Leão, ou o espaço onde habita o bispo ou o arcebispo, cabeça da diocese ou arquidiocese, como Toledo, Santiago, Sevilha ou Lisboa e Silves, ou o centro urbano onde os seus representantes são ouvidos pelo rei e onde se exerce a justiça. A cidade é guardiã de riquezas várias, possibilitando aos seus conquistadores honra e fortuna.

Este espaço urbano é descrito de modos diferentes, consoante a fonte é uma crónica, cristã ou muçulmana, que narra a guerra de conquista. Aqui é o olhar do guerreiro/conquistador sobre a presa que transparece. Ora difícil, ora fácil de conquistar, o narrador detém-se na descrição da muralha, o baluarte que o impede de lançar a mão à presa que ambiciona e deseja, e perde-se na minúcia dos artifícios bélicos e artimanhas usados para a possuir. A cidade de difícil conquista tem os seus habitantes passados a fio de espada, decapitados; para com aquela que se rende, o conquistador é misericordioso e permite-lhe que fique com parte dos bens e das riquezas. Outras vezes, neste espaço de conquista e reconquista, a cidade e os seus habitantes são o elemento menor da narrativa, porque ao cronista apenas interessa exaltar o herói/ conquistador e o valor da “presa” ganha.

Na poesia, o olhar sobre a cidade oscila entre o local de perversão e de corrupção de costumes, e a sensualidade: a cidade é um espaço de atracção que se admira e se receia, que se deseja e quer conquistar, personificando-a numa mulher, seja ela a prostituta, ou a mulher amada/desejada, ambas identificadas pelo desejo de conquista/posse.

³ Duarte Galvão, ob. cit., cap. VIII, pp. 11, 12, cap. XI, p. 15, cap. XXI, p. 29, cap. XXIII, pp. 30, 31.

⁴ Duarte Galvão, ob. cit., cap. VII, pp. 10, 11, cap. XII, p. 17, cap. XXIII, p. 30, cap. XXX, p. 41, cap. XXXVIII, p. 50.

⁵ *Portvgaliae Monumenta Historica, Leges et Consuetudines*, Lisboa, p. 464.

Por sua vez, a literatura de viagens apresenta-nos a cidade no seu espaço, interno e externo. Muralhas, águas, campos de cultivo, templos religiosos e escolas, edifícios emblemáticos pela sua antiguidade ou história, mercados, prevalecem sobre as pessoas, actores insignificantes na narrativa do mercador e viajante, curioso perante a diversidade geográfica, de costumes e de riquezas.

Excepcionalmente, a cidade surge-nos representada pelo seu povo, um povo que fala, que age, tem querer. Ao contrário da *Crónica Geral de Espanha*, onde os reis se identificam com as suas cidades, o território que as cerca e o povo que o habita, ou da *Crónica de Portugal de 1419*, Fernão Lopes dá-nos, na primeira parte da *Crónica de D. João I*, uma cidade viva, uma cidade que sabe o quer e se dispõe a lutar pelo seu eleito. Essa cidade, Lisboa, vive pela voz e pelo pulsar dos seus habitantes, que querem viver ou morrer pelo seu “senhor”. A cidade anima-se, chora e alegra-se. A cidade é as suas gentes.

Sintetizado o nosso propósito, vamos então observar os diferentes *olhares* que a literatura, os relatos dos viajantes e as crónicas nos oferecem sobre a cidade, não sem que antes devamos referir como uma característica de algumas das nossas fontes a não contemporaneidade com os acontecimentos que narram. Apesar desta circunstância, iremos utilizar as crónicas dos primeiros reis de Portugal e procurar encontrar a cidade nas respectivas narrativas.

*

Partindo destes pressupostos, procurámos a cidade no olhar de cada narrador. Verificámos que o modo de observar é diverso, consoante este é o estrangeiro que olha para a cidade como presa a conquistar, tal sucede com a descrição de Lisboa feita pelo cruzado Osberno ou com o cruzado anónimo que descreve a conquista de Silves, ou é o viajante e mercador que a descreve pelas belezas naturais e pelas características arquitectónicas, culturais, religiosas e económicas, como Idrisi ou Ibn Battuta, ou é o autóctone que, retrospectivamente, vê a cidade como cabeça de um território, que é identificado com um reino, como Leão, Córdova ou Toledo, por exemplo, como sucede na *Crónica Geral de Espanha* ou nas crónicas portuguesas. Interesses e objectivos diferentes apresentam a cidade sob diversas perspectivas.

A *Crónica Geral de Espanha* deu-nos vários exemplos de *olhares* sobre os centros urbanos peninsulares, quer cristãos, quer muçulmanos.

Numa introdução, o cronista limitou-se à descrição espacio-geográfica que relembra as narrativas dos autores islâmicos sobre a Península⁶. Aqui surgia a cidade e o seu território circundante. Mas, na generalidade da obra, a preocupação do cronista foi mencionar a cidade aferindo-a a um centro de poder, identificado com um rei, e a um espaço religioso, fosse ele o cristão ou o muçulmano. Uma terceira interpretação, não dispicienda, foi a da cidade entendida como um poder militar e aqui a(s) muralha(s) merecera(m) uma atenção detalhada. A cidade aparecia descrita como um lugar defeso, onde se acolhiam as populações mas, sobretudo, o rei e os seus companheiros, lugar onde se preservavam os mortos e as relíquias dos santos. Era também o espaço onde se exerciam os ofícios. Vejamos alguns exemplos.

O reino de Leão destacava-se, nos primeiros tempos, por alguns centros urbanos: Leão, onde a família real mais estanciava, Astorga e Santiago de Compostela, esta última apenas referida como local de peregrinação, “romaria”, a Santiago. Por sua vez, a cidade de Burgos era, no condado de Castela, pertencente àquele reino, a única urbe a ser mencionada. Ela também era um centro de poderes: o do conde de Castela e o do bispo, centrado na sé.

A conquista de Almansor por terras cristãs da Hispânia obrigou o cronista a preocupar-se com uma lacónica descrição de alguns destes lugares, talvez porque o avanço islâmico derrubou o símbolo da força e poder de cidades antigas, cuja memória remontava ao tempo dos romanos e dos godos: as muralhas.

O cerco a Leão terminou com a destruição dos antigos baluartes e das suas torres: primeiro a muralha ocidental, depois a do sul. Em seguida, derrotados já os cristãos, Almansor *mandou logo quebrantar e destruyr todallas portas da cidade, que eram bem obradas de pedra marmor, e a mayor torre da alcaçova, que estava sobre a porta descontra ouriente. Outrossy fez derribar e destruyr todallas outras torres dos muros e desfez ataa os fundamentos. Pero mandou leixar huma torre que estava contra a porta do septentriom — e aquella porta leixou por memorya dos que vehessem depois.*

Idêntico acto foi praticado em Astorga, onde a muralha e as torres foram derrubadas, até metade da sua altura, assim como em Valença, antes do vencedor ter decidido regressar a Córdova⁷. Mais tarde, numa entrada em

⁶ *Crónica Geral de Espanha de 1344*, ed. crítica de Lindley Cintra, Academia Portuguesa de História, Lisboa, 1954, vol. II, pp. 43-75. Por comodidade, referiremos os seus prováveis autores sempre no singular.

⁷ *Crónica Geral...*, vol. III, pp. 180-183.

território cristão feita pelo filho e sucessor de Almansor, seria derrubado o que restava da muralha e das torres de Leão *ataa o fundamento, por tal que o não podessem fazer os cristãos*⁸. O cronista repetia, assim, o sentido de catástrofe que estes tinham sentido com a destruição dos vestígios das antigas muralhas, mas também transmitia o desejo de destruição e de impossibilidade de recuperação que o senhor de Córdova pretendia impor aos inimigos, afirmando-se como o único senhor de um território onde não admitia adversários.

Se a velha e forte muralha identificava a cidade de Leão e o seu prestígio, não eram nela menos importantes as relíquias dos santos e os corpos dos reis falecidos que aí se encontravam sepultados. Por isso, os *cidadãos* de Leão assim como os de Astorga decidiram colocar as relíquias de S. Paio (Pelágio) e dos reis em Oviedo, nas Astúrias, enquanto outras relíquias veneradas eram depositadas nos Pirinéus⁹. Mais tarde, quando os cristãos se afirmavam já como senhores indiscutíveis do território leonês, Fernando III construiria um mosteiro dos cónegos regrantes na cidade, para nele albergar o novo mausoléu com as relíquias de Sto Isidoro de Sevilha e o transformar em panteão da família real¹⁰.

Toledo merecia ao autor da *Crónica Geral* uma atenção especial, pois fora a capital dos Godos e a sua origem remontava aos Romanos: a primeira, na introdução, de conteúdo geográfico-histórico e a segunda inserida no reinado de Afonso VI, seu conquistador. A primeira menção integrava-a no seu território de campos férteis e produtivos banhados pelo rio Tejo, o qual aparecia descrito como a sua defesa natural, e remetia-a para a sua fundação histórica no tempo de César e para a sua importância como capital dos Godos. O cronista, conhecedor de uma tradição histórica narrada pelos escritores árabes, não se esquecia de mencionar a existência da mesa de Salomão, na cidade, quando os mouros a conquistaram, e que teria sido trazida pelos judeus quando aqui se fixaram na sua diáspora, segundo os cronistas muçulmanos peninsulares¹¹.

⁸ *Crónica Geral* ..., vol. III, pp. 189-190.

⁹ *Crónica Geral* ..., vol. III, p. 179.

¹⁰ *Crónica Geral* ..., vol. IV, p. 324.

¹¹ *Crónica Geral* ..., vol. II, pp. 59-60; Idrîsî, *La première géographie de l'Occident*, Flammarion, Paris, 1999, p. 271. «*La ville de Tolède est à l'est de Talavera. Elle a un immense territoire et une population nombreuse. Elle est fortifiée, entourée de belles enceintes et défendue par une citadelle très solide. L'époque de sa fondation est ancienne et remonte aux Amalécites. On voit peu de villes qui lui soient comparables par la solidité et la hauteur des édifices. Elle est sur une éminence, dans un beau site fertile, au bord du grand fleuve que l'on appelle Tage. On y voit un aqueduc de construction admirable, composé d'une seule arche au-dessous de laquelle les eaux coulent avec une grande violence et font mouvoir une noria qui fait monter l'eau à quatre-vingt-dix*

“E Tolledo foy camara de todollos reis dos Godos e todos a escolherom ainda pera sua morada (...). E esta foy huma das quatro cidades que Cesar teve por camaras em Espanha.

E Tolledo jaz sobre o ryo de Tejo. E sobre o Tejo ouve huma muy rica pôte e muy maravylhosa. E tanto foy sotilmente lavrada que nunca homen pode esmar cõ verdade que outra tam boa avya feyta em Espanha. E foy feyta quãdo reynava Maffomede Elimen e esto foy quando andava a era dos mouros en duzentos e quatro ãnos. E quando os mouros entraron en Tolledo, filharon hy a mesa de Sallamõ, filho del rey Davyd.

Tolledo he muy boa cidade e de muy grande prazer e mui forte e muy defesa, ca, pero que a cercarom muytos poderes per muytas vezes, sempre se teve muy ben. E sempre foy muy proveytosa a seus lavradores e sempre foy de boa conteença. E he de boa sementeyra e he terra de boo aar...”

Com o avanço dos cristãos para sul e a desagregação do poder muçulmano na Península, a cidade de Toledo seria ambicionada por aqueles pelo seu prestígio, pela sua memória, pela sua grandiosidade e pela riqueza dos seus arrabaldes. Naturalmente defendida pelo Tejo, Toledo viria a render-se a Afonso VI pela fome, provocada pela destruição dos seus campos. Na preitezia negociada pelas autoridades toledanas, foi requerido ao rei cristão que os muçulmanos permanecessem com as suas casas e os seus bens, assim como com a mesquita maior. O alcácer e a horta do rei mouro seriam entregues para paço do conquistador e seu novo “senhor”. Afonso VI estabeleceu nela o trono e recuperou o alcácer que era construído em taipa. Reuniu cortes e restaurou o arcebispado, tornando a sé da cidade, primaz de Espanha como fora no tempo dos Godos¹². Rodeada de hortas e de vergéis, a cidade muçulmana aparecia como um horto deleitoso. A tal se comparavam os arredores de Toledo, apreciados pelas suas águas, jardins e bosques pelo exilado rei Afonso de Leão.

Mas Toledo era, também, o baluarte forte e o apoio natural para as incursões em terras da moirama. Por isso, nela foi colocado grande tesouro em ouro amoadado, para pagamento de nobres e exércitos. Quando da invasão do Miramolim, Afonso VIII recebeu nela os cruzados que o iam apoiar na guerra contra os muçulmanos do norte de África. Os guerreiros

coudées de hauteur». Vd. António Borges Coelho, Portugal na Espanha árabe, eds. Caminho, Lisboa, 1989, 2.ª ed., vol. II, pp.49-50.

¹² *Crónica Geral ...*, vol. IV, pp. 10-14.

estrangeiros eram em número tão elevado que o soberano receou algum levantamento, pois roubavam os naturais e matavam os judeus. Propôs-lhes, então, que fizessem o acampamento nas hortas de Toledo, pois nelas o clima era mais agradável do que no interior da cidade. “*E a elles prougue muyto e foronse pera ella e poseron suas tendas pella orta e cortaron todallas arvores que non leixaron nenhuma*”¹³.

Sevilha espantava pela sua beleza e grandiosidade. Cercada de muralhas altas e fortes e com uma boa barbacã, a cidade era admirada pela Torre do Ouro “*que he fundada no mar e composta e feita de tam sotil obra que he maravilhosa cousa; e a torre de Santa Marya que he de tanta altura e nobreza qual outra non ha en Espanha*”. A mesquita maior, o conquistador, como era usual, consagrou-a como sé e criou nela um arcebispado¹⁴.

Mais a norte, Zamora era uma pequena urbe admirada por D. Sancho, rei de Castela, como lugar forte e bem defeso, quer pelo rio quer por uma muralha com torres bem espessas¹⁵.

O território que viria a ser Portugal também foi olhado como um espaço de conquista e observado pela sua riqueza natural. Santarém era mencionada na introdução geográfica da *Crónica Geral de Espanha* pela riqueza dos seus campos, adubados pelas cheias do Tejo: “*Enno termo de Santarem ha muytas e boas bondades e he muy saborosa terra. E, quanto he no chãao, nõ sayram hy alqueivar nem na lavrarom duas vezes se nõ quiseren, tanto he de boa terra naturalmente.*” E o cronista acrescentava o outro elemento importante: a defesa natural. “*E o castello de Santarem jaz em huum monte muy grãde e muy alto e muy forte e nõ ha logar per honde o possam combater se nõ a muy grãde perigoo*”¹⁶. Já, na narrativa da conquista de Santarém por Afonso Henriques, o autor apenas se prendeu com a tomada ardilosa do castelo sem qualquer referência à cidade e ao seu termo¹⁷.

Por sua vez, o autor anónimo da *Crónica de Portugal de 1419* foi parco na descrição da cidade e arredores, mostrando-se mais preocupado com o ardor da conquista e com os prenúncios da vitória, pré-anunciada na estrela cadente que riscou os céus na noite da sua tomada. A cidade aparecia cercada de olivais, tantos e tão cerrados que neles se esconderam homens e cavalos para não serem vistos nem sentidos pelas sentinelas muçulmanas. No

¹³ *Crónica Geral ...*, vol. IV, pp. 320-321.

¹⁴ *Crónica Geral ...*, vol. IV, pp. 488-489.

¹⁵ *Crónica Geral ...*, vol. III, p. 375.

¹⁶ *Crónica Geral ...*, vol. II, p. 66.

¹⁷ *Crónica Geral ...*, vol. IV, p. 230-232.

entanto, não se esqueceria de referir a fonte de Tamarra, fonte de onde brotavam águas “*que nom som doces*”¹⁸.

Acenheiro na *Crónica dos Reis de Portugal* aproximava a sua narrativa da conquista de Santarém da do autor anónimo da *Crónica de Portugal de 1419*. Mais uma vez encontramos a referência aos olivais e à fonte de Tamarra, agora traduzida por “*as agoas que sam doces*”, assim como ao acontecimento da estrela cadente, sem grandes acrescentamentos em relação a este texto, excepto na referência à grande mortandade de mouros, de tal modo as ruas de Santarém pareciam um rio tinto de sangue¹⁹.

Duarte Galvão, na *Crónica de D. Afonso Henriques*, apresentava a cidade, como um espaço urbano de média superfície e população, que aparecia naturalmente protegida por muralha e torres, assentes a Ocidente em barrocas muito altas, a zona do Alfão, a Oriente, do lado do rio, por um outeiro artificial, que os mouros chamavam Alfarfa e que fizeram erguer com a terra que os prisioneiros acarretavam, e pelo próprio rio de forte corrente. Também inexpugnáveis pela própria natureza pareciam os lados Sul, o Alfange, e Norte da vila²⁰. O cronista quinhentista não esquecia de olhar para os arredores e descrevê-los pelo longo alcance do território que se observava da muralha altaneira: de Oriente a Ocidente, a formosura dos campos de cereais cortados pelo Tejo, estendendo-se para Norte a linha do horizonte até às montanhas que cercavam campos de vinhas e de olivais, campos que, segundo a tradição, D. Afonso Henriques, designava por “o paraíso deleitoso”²¹.

Da época da sua conquista cristã, chegou-nos o olhar de um homem do norte sobre a cidade de Lisboa. Osberno, o cruzado, escrevia na sua crónica as primeiras impressões que a cidade lhe dava: as muralhas, a sua opulência económica, o seu território. “*A norte do rio, no topo de um monte redondo, fica a cidade de Lisboa, cujas muralhas descem em socalcos até à margem do rio Tejo, dele ficando separadas apenas por um pano de muralhas que assentam no chão. No momento da nossa chegada era a mais rica e opulenta em provisões de toda a África e de grande parte da Europa. (...) Os seus territórios, no perímetro em redor, se forem comparados com os melhores não ficam atrás de nenhum, pela fartura dos produtos do solo, se atendermos*

¹⁸ *Crónica de Portugal de 1419*, ed. crítica de Adelino de Almeida Calado, Universidade de Aveiro, 1998, pp. 41-43.

¹⁹ Cristóvão Rodrigues Acenheiro, “*Chronicas dos senhores reis de Portugal*”, in José Correa da Serra, *Collecção de Livros Inéditos de História Portuguesa*, Academia das Sciencias de Lisboa, Lisboa, Imprensa Nacional, 1926, vol. V, pp. 30-35.

²⁰ Duarte Galvão, ob. cit., cap. XXIII, p. 31.

²¹ Duarte Galvão, ob. cit., cap. XXIII, p. 31.

à produtividade quer das árvores quer das vinhas. É rica em qualquer mercadoria seja de artigos de luxo seja de uso corrente. Tem ouro e prata e nunca faltam produtos de ferro. Predomina a oliveira. Nada fica nela por cultivar ou é improdutivo nem fica sem trazer uma messe abundante. Não amanham o sal, mas escavam-no. É de tal modo rica em figos que dificilmente seremos capazes de consumir uma ração. Até os terrenos áridos estão recobertos de pastos. É famosa por muitos géneros de caça. (...) É saudável de ares. Tem, por outro lado, esta cidade banhos quentes”²²

Referindo o número de habitantes, cerca de 60 000 famílias de *dimmis*, ou seja, moçárabes e judeus, Osberno descrevia a esse propósito os arrabaldes e referia a *medina*, no alto do monte, o conhecido castelo “cingido por uma muralha em redondo” de onde desciam outras, em declive, até à margem do rio. “Os arrabaldes ficam albergados sob as muralhas, a modo de bairros recortados nas rochas, de tal forma que cada bairro se toma por castelo bem fortificado. (...) Os edifícios formam aglomeração tão apertada que dificilmente se conseguirá encontrar ruas com mais de oito pés de largura a não ser nas dos mercadores”. E rematava, explicando a razão de tal aglomeração: a falta de regras. Acrescentava ainda, que a sua densa população, a maior parte proveniente de outros lugares, fazia da cidade um “viveiro de toda a licenciosidade e imundície”²³. Sem sombra de dúvida o olhar de um cristão sobre uma cidade infiel, qual Sodoma ou Gomorra...

Ruelas estreitas, mais carreiros que estradas, conduziam aos bairros dos arrabaldes, dispostos em declive. Ruas estreitas e múltiplas emaranhavam-se entre o casario dos arrabaldes. Silos, cheios de provisões, encontravam-se na encosta do monte, enquanto no vale havia abundância de águas. As muralhas abriam-se por três portas, duas laterais e uma defronte do mar. A mesquita, o único espaço minimamente descrito, era apresentada como um templo com sete ordens de colunas e outras tantas abóbadas²⁴.

Lisboa aparecia, também, aos olhos de Osberno, o homem do norte, com uma beleza e riqueza muito características, a que se juntava o verde variado dos olivais, das vinhas, das figueiras e dos pastos contraposto ao azul do rio e ao branco das salinas.

Também a *Crónica Geral de Espanha* descrevia Lisboa com os olhares do visitante, que observa a cidade e o território que a rodeia, e com os olhos dos guerreiros. O primeiro olhar via-a nas suas riquezas: as

²² *A conquista de Lisboa aos Mouros. Relato de um cruzado*, ed. de Aires de Nascimento, ed. Vega, Lisboa, 2001, p. 77.

²³ *Ibidem*, p. 79.

²⁴ *Ibidem*, pp. 80-147.

“saborosas fruytas”, as “bondades do mar e da terra”, a formosura dos açores que nela se criam e a caça, o mel “muy bõo e he tam branco que nõ semelha se non açucar e sabe melhor que o açucar”, a negrura das águas do Tejo e os fios de ouro das suas águas em Almada²⁵.

O seu espaço aparecia, desde o início, designado por “cidade” “muy guerreyra das principaes de Espanha, de que por maar, e por terra se fazia muita guerra, e dano ahos Christãos, ha qual tinha muy fermoso porto”, e assim permaneceu nos cronistas portugueses dos séculos XV e XVI, que não esqueciam de exaltar a sua conquista pelo primeiro rei de Portugal, assim como a purificação da mesquita tornada sé catedral²⁶.

A única excepção permaneceria no anónimo autor da *Crónica de Portugal de 1419*. Aqui, mais uma vez, temos a narrativa da conquista em ávaras palavras sobre a cidade e as suas riquezas. Apenas a construção de igrejas e mosteiros lhe interessou, para além do feito bélico praticado por guerreiros ou dos milagres realizados por alguns dos “mártires”, ou seja, os guerreiros mortos pela fé, passando rapidamente pela referência ao espaço amuralhado da cidade moura: o da cerca velha²⁷.

O cruzado anónimo que participou na conquista de Silves, descreveu-a tomando como paralelo a sua cidade natal: Goslar. Cidade fortemente amuralhada, despertava o interesse do guerreiro: “*todavia tem muito mais casas e mansões amenissimas; he cingida de muros e fossos de tal arte que nem hum a só choupana se encontra fora dos muros, e dentro delles havia quatro ordens de fortificações, a primeira das quaes era como hum a vasta cidade estendida pelo valle chamado “Rovale”. A maior estava no monte, e davão-lhe o nome de Almedina (cidade) tendo outra fortificação na encosta que desce para o mesmo valle a fim de proteger o canal das aguas, e hum certo rio chamado Arade ou Drade; (...); e sobre o canal ha quatro torres, de modo que por aqui se provesse sempre d’agua em abastança a cidade superior, e tem esta fortificação o nome de “Coirasce” (Coiraça). As entradas pelas portas erão de tal arte angulosas e tortuosas, que mais facilmente seriam escalados os muros do que entraria alguém por ellas....*”²⁸.

²⁵ *Crónica Geral...*, vol. II, pp. 66-67.

²⁶ Duarte Galvão, ob. cit., cap. XXX e XXXI, pp. 41-43.

²⁷ *Crónica de Portugal de 1419*, pp. 48-54.

²⁸ *A cidade de Silves num itinerário naval do século XII por um cruzado anónimo*, ed. fac-simile da ed. de João Baptista da Silva Lopes (1844), com introd. de Manuel Cadafaz de Matos, eds. Távola Redonda, Câmara Municipal de Silves, Lisboa, 1999, pp. 15-16.

A conquista da cidade na *Crónica de Portugal de 1419* era comparada com a conquista de Jericó, tão difícil se mostrara até à rendição final, tanto mais que a cidade não era só bem amuralhada como bem abastecida de água²⁹.

A cidade de Silves era descrita por Rui de Pina, como “luguar grande”, junto da costa marítima de onde saíam corsários para atacar o litoral cristão. Estava rodeada de arrabaldes, amuralhados, com ricas casas que os cruzados pilharam e incendiaram. Ao interior da cerca que rodeava a cidade se acolheriam as populações muçulmanas. Silves estava bem aprovionada de água por via de uma couraça bem amuralhada num torreão, onde estava um poço de água doce. Tomada a couraça, os mouros refugiaram-se no interior da cidade e fecharam as portas. No exterior da cidade, Sancho I e os cruzados ergueram uma igreja para sepultura dos mortos. Rendida a cidade, mandou o rei construir uma catedral³⁰. Na reconquista da cidade pelo mestre D. Paio Correia, temos notícia da porta da Azóia, junto da igreja de Santa Maria dos Mártires, porta que estava numa torre “que he sayda em arcos para fóra”. O alcácer amuralhado foi o último reduto dos mouros de Silves que acabariam por se render e manter-se na cidade, para que esta não se despovoasse³¹.

Mas estes mesmos territórios e outros foram descritos por autores muçulmanos, que viriam a ser conhecidos e traduzidos pelos cristãos, como a crónica do mouro Razi. Ahmede Arrazí viveu no século x. Ao contrário dos autores cristãos que narraram as cidades, séculos após a reconquista, ele descreveu-as no seu próprio tempo. Santarém e Lisboa eram apresentadas como terras muito ricas e produtoras de bons frutos e cereais. O Tejo aparecia como uma das causas da sua riqueza natural. Enquanto a defesa de Lisboa não lhe despertou qualquer interesse, tal não sucedeu com Santarém. “*E o castelo de Santarém jaz em um monte mui grande e mui alto e mui forte e não há lugar por onde o possam combater senão a mui grande perigo*”³².

A Santarém muçulmana estava natural e artificialmente defendida, chamando a atenção de viajantes como Idrisi, que a descreviam deste modo: “*Santarém é uma cidade construída sobre uma alta montanha, ao sul da qual há um grande precipício. Não tem muralha, mas no sopé do monte há uma aldeia, ao longo do rio*”. Apesar da contradição sobre a inexistência de

²⁹ *Crónica de Portugal de 1419*, pp. 89-98.

³⁰ Rui de Pina, *Coronica do muyto alto e esclarecido principe D. Sancho I, segundo rey de Portugal*, Lisboa, 1727, caps. IX-XI, pp. 21-29.

³¹ Rui de Pina, *Chronica de D. Affonso III*, Lisboa, 1728, cap. IX, pp. 18-19.

³² Borges Coelho, ob. cit., vol. I, pp. 48-49.

um espaço defensivo, se tivermos em atenção Razí, Idrísî não se esquecia de mencionar, também, a riqueza da planície que a circundava, quer em cereais — constava que de uma semente se extraíam cem grãos —, quer em pomares e hortas, onde se produziam frutos e legumes de toda a espécie³³.

Apesar de historiadores contemporâneos, como Christophe Picard, não saberem explicar o empolamento sobre a conquista de Lisboa por parte dos cristãos, uma vez que Santarém e Alcácer do Sal seriam estrategicamente mais importantes que a cidade onde o Tejo desaguava³⁴, a verdade é que muitos autores muçulmanos, Almunine e Idrisi, salientaram a beleza de Lisboa e a sua fortaleza.

As mais antigas descrições de Lisboa conduzem-nos até aos viajantes muçulmanos. Os seus olhos apresentaram-na como uma cidade bela e rica em produtos agrícolas, recortada por colinas e banhada pelo mar. Razi descrevia-a e ao seu termo como um espaço rico *de muitos bens* e de *mui saborosas frutas*³⁵. Por sua vez, Almunine Alhimiyari identificava-a pelas suas muralhas, junto das quais as vagas do mar vinham bater e terminava afirmando: “*A cidade de Lisboa é, por sua própria natureza, bela...*”³⁶.

Idrísî, na sua geografia do Ocidente, mencionou-a várias vezes, quer anotando a proeza dos aventureiros que, saindo de Lisboa, situada no litoral do “mar Tenebroso”, atingiram Safim, quer referenciando-a a par de outras cidades da Hispânia, como Toledo. Este viajante muçulmano, natural de Fez, descrevia-a assim: “*Lisboa ergue-se na margem de um rio que se chama Tejo ou rio de Toledo. A sua largura junto de Lisboa é de 6 milhas e a maré a encher e a vazar faz-se sentir aí violentamente. Esta bela cidade estende-se ao longo do rio, está cercada de muralhas e tem uma forte cidadela. No centro da cidade correm fontes de águas quentes, tanto no Verão como no Inverno*”³⁷. E acrescentava: “*Foi de Lisboa que partiram os “Aventureiros” (al-Mugharrirûn) quando partiram para o Oceano Tenebroso a fim de saber quais eram os seus limites... Eles têm em Lisboa, perto da zona dos banhos quentes, uma ruela (darb) que tem o seu nome e é designada por “ruela dos Aventureiros” para todo o sempre*”³⁸.

³³ Idrísî, ob. cit., p. 269; Borges Coelho, ob. cit., vol. I, p. 70.

³⁴ Christophe Picard, *Le Portugal musulman (VIIIe-XIIIe siècle). L'Occident d'al-Andalus sous domination islamique*, Maisonneuve & Larose, Paris, 2000, pp. 208-211.

³⁵ Borges Coelho, ob. cit., vol. I, p. 49.

³⁶ *Ibidem*, vol. I, pp. 59-60.

³⁷ Idrísî, ob. cit., p. 267; Borges Coelho, ob. cit., p. 69. Idrísî não deixava de descrever aquilo que ele considerava uma das maravilhas do mundo: o ouro que, todos os invernos, o Tejo lançava na praia de Almada, “a mina”, já na altura um lugar fortificado (*Ibidem*, ob. cit., p. 267).

³⁸ Idrísî, ob. cit., p. 267.

Grande era como Almacarí a sentia³⁹. Todos acrescentavam à sua beleza, as riquezas naturais: ouro e âmbar. Mas não só. O seu território era rico em caça, pesca, frutos, mel e aves raras como os falcões .

Silves foi outra cidade descrita por muçulmanos e cristãos. Almunime e Idrisi exaltaram a sua beleza, reflectida na muralha sólida, na construção elegante e no mercado bem fornecido, sem esquecer os arredores cobertos com pomares e hortas nem o rio e as suas azenhas. As montanhas que a rodeavam eram cobertas por árvores frondosas de onde se extraía a madeira, utilizada na construção naval. Por fim, Idrîsî recordava as suas gentes: árabes do Iemen e da Arábia, que se exprimiam num árabe puro e eloquente⁴⁰. Ibn Muzayn escrevia a seu respeito: “*a cidade de Silves tem uma situação elevada e possui um aspecto maravilhoso, de nobreza, beleza, um sistema defensivo... De superfície média, de estilo elegante, ela tem ruas largas e edifícios harmoniosos. Está bem defendida. Todos os seus mercados, as suas vias e as suas ruas estão pavimentadas com mármore*”. O palácio dos balcões, à semelhança de outro existente em Bagdad, era cantado pelos poetas⁴¹.

Se formos para outras paragens e outros cronistas das guerras santas que atravessaram a época medieval, veremos que a cidade continuava a ser retratada como um espaço defensivo e um objecto de conquista. Tal aconteceu nos cronistas muçulmanos que contaram as cruzadas e a vitória de Saladino ao reconquistar Jerusalém.

Ibn al-Qalânisi narrou a queda de Tripoli às mãos dos cruzados e dos genoveses. Na pilhagem que se seguiu à conquista da cidade, não se esqueceu de referir o cativo de homens, mulheres e crianças assim como os roubos, incluindo os das bibliotecas das famílias importantes da cidade⁴². Ao contrário desta, Beirute e Sidon sofreram cercos, por terra e por mar, até que foram conquistadas pelos cruzados. Os instrumentos de guerra necessários ao ataque, utilizados pelos cristãos, eram alvo da curiosidade do cronista⁴³.

Por sua vez, Jerusalém aparecia como a cidade santa, um lugar de peregrinação para cristãos e para muçulmanos. Após a conquista de Beirute, Balduíno regressou a Jerusalém para uma peregrinação⁴⁴. O mesmo aconte-

³⁹ Borges Coelho, ob. cit., vol. I, p. 74.

⁴⁰ Borges Coelho, ob. cit., vol. I, pp. 62 e 66; Idrîsî, ob. cit., pp. 262-263; C. Picard, ob. cit., p. 202.

⁴¹ C. Picard, ob. cit., pp. 202-203.

⁴² *Chroniques arabes des croisades*, trad. de Francesco Gabrieli, eds. Sindbad, Actes Sud, 1996, pp. 49-50.

⁴³ *Ibidem*, pp. 51-53 e 58-59.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 52.

teceu com os cruzados que integraram a segunda cruzada, os quais cumpriram a peregrinação quer regressassem aos seus países quer ficassem ao lado do imperador Conrado III da Alemanha para combater os muçulmanos⁴⁵.

Usama lembrava uma Jerusalém, onde os Templários praticavam a tolerância religiosa, permitindo aos muçulmanos a oração na mesquita de al-Aqsa, onde aqueles tinham erguido uma igreja⁴⁶. A conquista do reino e da cidade por Saladino foi narrada em função do herói Saladino, justo/cruel para com os infiéis vencidos mas misericordioso. Jerusalém aparecia sob o alo da Vera Cruz e dos seus guardiães, que causavam desprezo aos muçulmanos, de tal modo que a destruição da cruz sobre a cúpula da mesquita do Rochedo ressoou com os gritos a *Allah Akbar* dos muçulmanos e os gritos de dor e de raiva dos cristãos⁴⁷.

A marcha de Saladino sobre Jerusalém foi descrita por Imad ad-Dîn desta maneira poética: *“O Islão pedia em casamento Jerusalém, pronto a oferecer-lhe vidas como presente de núpcias, bens para lhe fazer esquecer as suas infelicidades, um rosto feliz para expulsar as faces coroadas”*. Na narrativa do cronista, Jerusalém aparecia como a cidade onde o cristianismo surgia como um insulto ao Islão⁴⁸. Saladino restaurou a cidade santa, colocando casas de oração muçulmanas e madarsas onde antes tinham estado igrejas e conventos. A recuperação para os muçulmanos da mesquita do Rochedo, libertando a rocha do altar, dos ícones e dos baixo-relevos cristãos, pondo-a descoberto, foi saudado nestes termos pelo cronista: *“Ele fez extrair a pérola da concha, romper a luz das trevas, demolir a prisão, comprar a liberdade, mostrar a beleza,...”*⁴⁹.

Ibn al-Athîr narrou a terceira cruzada em que participaram Frederico Barba Ruiva, Ricardo Coração de Leão e o rei de França, assim como o confronto daqueles com Saladino. De certa maneira censurava veladamente a atitude do sultão que permitiu a defesa de Tiro pelos cruzados, comandados pelo marquês de Montferrat⁵⁰. A entrega de Jerusalém com uma trégua de dez anos ao imperador por al-Malik foi a de uma cidade sem defesas e com o compromisso de não erguer muralhas, devendo os muçulmanos abandoná-la⁵¹. Em torno da cidade santa de cristãos e de muçulmanos, Ricardo

⁴⁵ *Ibidem*, p. 83.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 106; Amin Malouf, *As cruzadas vistas pelos Árabes*, Difel, 6.ª ed., 1993, pp. 155-156.

⁴⁷ *Chroniques arabes ...*, p. 170.

⁴⁸ *Ibidem*, pp. 173-187.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 195.

⁵⁰ *Ibidem*, pp. 202-207.

⁵¹ *Ibidem*, pp. 295-302.

Coração de Leão procurava negociar, alguns anos mais tarde. Se o rei cristão afirmava que “*Jerusalém é o nosso lugar de culto e jamais aceitaremos renunciar a ele ... A cruz, essa, não representa para vós senão um pedaço de madeira, ao passo que para nós o seu valor é inestimável. Que o sultão no-la dê, e que se ponha cobro a esta luta extenuante*”, Al-Adel respondia: “*A cidade santa é tanto nossa quanto vossa; ela é mesmo mais importante para nós, pois foi na sua direcção que o nosso profeta realizou a sua miraculosa viagem nocturna, e é lá que a nossa comunidade será reunida no dia do Juízo Final. Está portanto posto de parte que a abandonemos....*”⁵².

A conquista de Jerusalém teve um impacto psicológico em todo o mundo cristão. No extremo da Europa, Sancho I fazia escrever a memória da sua conquista, ao datar o foral de Valhelhas: “*Reinando elRey dom sancho tomada a terra de Jerusalem delRey Saladim*”⁵³.

Mas outros olhares observavam a cidade, analisando a riqueza dos seus profissionais, das suas autoridades e a sua organização interna. As pessoas começavam a tomar parte no olhar com que se descrevia a urbe. Ibn ‘Abdun escreveu um tratado sobre a vida urbana e a organização dos mesteres. O modelo para este tratado foi a cidade de Sevilha. A cidade era aqui observada de dentro, com as suas prescrições organizativas de contornos religiosos e regulamentos económicos⁵⁴.

Foi um pouco com os olhos de quem via a cidade como centro de riqueza e de produtividade, que Fernão Lopes descreveu Lisboa, no prólogo da *Crónica de D. Fernando*. A cidade não se distinguia do seu porto de mar nem dos barcos, marinheiros e mercadores de diferentes paragens que a ela chegavam, “*gentes de desvairadas mesturas e tantas*” que as autoridades municipais decidiram criar um corpo de polícia para defesa dos seus habitantes e moradores⁵⁵. Lisboa aparecia como uma cidade *grande*, onde a criminalidade coabitava com a riqueza. Mas Lisboa era também a cidade, centro de decisão política onde o rei e a família real habitavam. Foi aqui que D. Fernando casou por palavras de presente com Leonor de Aragão, na igreja de S. Martinho, próxima dos paços dos Infantes⁵⁶ e, mais tarde, os povos tomavam posição contra o seu casamento com Leonor Teles, amotinando-se na rua, estendendo-se a oposição a outros “*logares do reino*”⁵⁷.

⁵² Amin Maalouf, ob. cit., pp. 248-249.

⁵³ P.M.H., *Leges et Consuetudines*, p. 472.

⁵⁴ E. Lévi-Provençal, *Séville musulmane au début du xiv^e siècle. Le traité d'Ibn ‘Abdun sur la vie urbaine et les corps de métiers*, eds. Maisonneuve & Larose, Paris, 2001.

⁵⁵ Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*, ed. Civilização, Barcelos, 1966, Prólogo, pp. 5-6.

⁵⁶ Fernão Lopes, ob. cit., cap. XXIX, p. 83.

⁵⁷ Fernão Lopes, ob. cit., caps. LX e LXI, pp. 161-164.

Na sua obra, Fernão Lopes apresentou-nos a cidade de Lisboa como “cabeça” do reino, mas, sobretudo, deu-nos uma cidade colorida, viva na voz e no pranto dos seus homens e mulheres, os “*martires ... moradores de Lixboa*”, porque a cidade era como a viúva de um rei que teve o Mestre de Avis por defensor e “*esposo*”. A cidade era uma mulher que escolheu marido, o seu herói e defensor.⁵⁸

Ao contrário dos cronistas, os viajantes tinham outras preocupações e interesses. A curiosidade pela observação de novos lugares, costumes e gentes levava-os a olhar os vários espaços urbanos de um modo diferente. Estes apareciam inseridos num território, numa paisagem natural ou construída, que, por vezes, se estendia à população que os habitava, através da narrativa de uma “estória”.

Assim, iremos atentar nos olhares de Idrîsî, Ibn Batuta e do autor anónimo do *Livro dos Arautos*. Escritos com objectivos diferentes, estes textos souberam traduzir a curiosidade e o interesse por outros espaços e outras populações, embora religiosamente antagónicas. Os primeiros souberam apresentar, sobretudo, o território sob o domínio do Islão, enquanto o terceiro apresentava a Europa, na sua riqueza e diferença de costumes, sob a égide do cristianismo romano.

O anónimo autor do *Livro de Arautos* era um curioso da história dos vários reinos e cidades europeias que conhecera. Por isso, ele não esquecia de referir os reis, as igrejas e o seu rendimento, assim como as riquezas naturais das várias regiões que visitara. Pelo conteúdo descritivo, aproximava-se mais das narrativas dos viajantes. Por isso, soube associar a paisagem construída com a paisagem natural. Na primeira, não se esqueceu de enumerar as muralhas, igrejas, paços e outros monumentos “*dignos de admiração*”. Assim, com os olhos do nosso arauto os nossos olhos conseguem recriar Roma das sete colinas, com os seus edifícios antigos e modernos, as grossas muralhas, o rio Tibre; ou a cidade de Burgos com a catedral e as quatro pontes que atravessam o rio, o paço real de Miraflores ainda em construção; ou Toledo ou Lisboa. As cidades surgiam sempre integradas no seu meio natural e enaltecidas pelas suas riquezas naturais e pelos seus edifícios⁵⁹.

Idrîsî (séc. XII) e Ibn Batuta (séc. XIV) percorreram o norte de África, de Ocidente para Oriente, tendo o primeiro viajado também por algumas

⁵⁸ Fernão Lopes, *Crónica delRei dom João I da boa memória*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1973, nomeadamente os caps. CLX-CLXII.

⁵⁹ *Livro de Arautos*, ed. de Aires A. Nascimento, Lisboa, 1977, pp. 168-180, 192 e ss.

regiões da Europa mediterrânica, enquanto o segundo se alargou pelas paragens asiáticas. Com dois séculos de distância, ambos andaram pelas mesmas cidades, os mesmos oásis e os mesmos desertos. Ambos viram com olhares diferentes os mesmos territórios.

Idrîsî era um geógrafo. Preocupava-se com as paisagens natural e construída. Por isso, os seus olhos, atentos observadores, pousaram curiosos sobre os territórios, anotando a vegetação e os animais, o relevo, os cursos de água e as suas margens, as fontes, os recursos naturais, as vias de comunicação terrestres e os dias de jornada entre territórios, as cidades e as aldeias, os oásis e os desertos, as construções mais significativas, o comércio e o artesanato.

Assim, ao descrever o Egipto não deixou de mencionar os desertos e o Nilo, nem tão pouco as cidades do Cairo, Alexandria, Fustat, entre outras. Assim, caracterizou o Cairo pela produção de tecidos preciosos, Kuft pela religião xiita seguida pelos seus habitantes e pela reputação de alta qualidade do sabão aí produzido, Dalâs pelo trabalho do ferro e a antiga Antinópolis, agora chamada Ansinâ, pela sua beleza patente nos jardins e nos frutos que cresciam em abundância. Em Alexandria, o farol empolgou-o, ao defini-lo: *“Este farol é uma das maravilhas arquitecturais do mundo, devido à sua altura e à solidez da sua construção”*. Por isso, achou importante descrevê-lo piso a piso. Em seguida mencionou a muralha da cidade, os pomares e os jardins, os mercados e as ruas largas, acompanhadas por construções sólidas, ornadas de mármore e colunas, sem esquecer os obeliscos⁶⁰.

Ibn Batuta era um viajante mais preocupado com o fenómeno religioso. Na sua viagem, foi assinalando as mesquitas, as madrasas, as pequenas histórias sobre pessoas e lugares, ou rememorando poemas sobre os mesmos. Era um erudito em viagem de peregrinação, poderíamos dizer. Por isso, as suas descrições eram acompanhadas de alegorias poéticas, como aquela com que começa por descrever a cidade de Alexandria, que o soube fascinar. *“Esta cidade é uma pérola resplandecente e luminosa, uma donzela fulgurante com os seus adereços, cuja beleza ilumina o Magreb”*⁶¹. Nela, também o farol, já em ruínas, o entusiasmou. Por isso, no regresso, em 1349, ao pretender revisitá-lo, verificou que ele tinha ruído, lamentando o sucedido⁶².

⁶⁰ Idrîsî, ob. cit., pp. 118-124, 217-220.

⁶¹ Ibn Battuta, *A traves del Islam*, trad. de Serafin Fanjul e Federico Arbo, ed. Nacional, Madrid, 1981, p. 117.

⁶² *Ibidem*, p. 118.

A cidade do Cairo era lembrada pela voz de um dos seus poetas que a comparou ao Eden na terra e o Nilo ao rio do paraíso, pela sua mesquita maior, escolas e hospital. As pirâmides e os templos do antigo Egipto mereceram-lhe algumas considerações⁶³.

Jerusalém, a cidade santa, a terceira das cidades para o crente muçulmano depois de Meca e de Medina, apareceu-lhe como uma cidade com parte da sua muralha destruída por ordem de Saladino e de al-Malik, mas enobrecida pelas grandiosas mesquitas que descreveu ao pormenor⁶⁴. E a viagem prosseguiu sempre com o mesmo objectivo, sendo as cidades, das mais pequenas às maiores, exaltadas pela voz dos seus poetas, dos seus notáveis e, sobretudo, das suas instituições religiosas e de estudos corânicos.

Mas a cidade não era só um espaço de conquista ou a sede do poder religioso, fosse ele o cristão ou o muçulmano. A urbe era também um espaço em que se disfrutava o lazer, fosse ele o de uma festa de coroação de um soberano, ou do seu casamento, ou a festa profana que acompanhava o religioso, fosse ele uma procissão ou uma romaria. Burgos acolheu o conde Fernão Gonçalves e a infanta D. Sancha, recebendo-os com muita alegria, com armas e trebelhos e procissões. A entrada na “vila” obedeceu ao cerimonial costumeiro, acompanhando os habitantes os seus “senhores” até à sé, onde rezaram. Aqui casaram, organizando-se muitas festas: *“baffordavã e britavã tavolados e filhavã escudos e lanças. E outros lidavã com touros e outros faziam jograrias de muytas maneiras”*⁶⁵.

Espaços de lazer eram nas cidades conquistadas aos mouros, os banhos. Em Toledo existiam vários que proporcionavam gozo aos cavaleiros cristãos, em vez das lides militares com que se adestravam para a guerra. Conta a *Crónica Geral de Espanha* que, estando Afonso VI doente e após a derrota cristã que terminou com a morte do infante Sancho e de muitos nobres, perguntou as físicos qual a razão porque os fidalgos não amavam a luta. *“E elles lhe disserõ que por que entravã ameude em os banhos e se davã muito aos viços. E el rei mãdou logo derribar os banhos da terra e fez trabalhar os cavalleiros em armas ennas guerras”*⁶⁶.

Mas a *Crónica* narrava-nos outras festas como as maias que as raparigas cantavam, quer em Coimbra, quer em Castela⁶⁷.

⁶³ *Ibidem*, pp. 132-138.

⁶⁴ *Ibidem*, pp. 152-154.

⁶⁵ *Crónica Geral ...*, vol. III, pp. 37, 80 e 283.

⁶⁶ *Crónica Geral ...*, vol. IV, p. 37.

⁶⁷ *Crónica Geral ...*, vol. IV, p. 362.

Muitas foram, certamente, as festas em que os soberanos mostraram ao povo a sua magnificência e liberalidade. As crónicas e outros relatos narraram-nos algumas como os festejos de luz, música e dança organizados por D. Pedro I em honra do conde D. João Afonso Telo que ia ser armado cavaleiro⁶⁸. D. João I casou-se com D. Filipa no Porto que se embelezou para receber tal cerimónia. Justas, jogos, danças, “*trebelhos e matinadas de noute*”, assim como cantigas cantadas pelas mulheres da cidade, fizeram parte da alegria que o povo sentia em tal enlace⁶⁹. Durante quinze dias a festa estalou na cidade do Porto e noutras cidades e lugares do reino.

Os embaixadores do imperador Frederico III ao entrarem em Lisboa, aplicaram-lhe o qualificativo de *notável, e muito maior que Viena, na Austria*. O primeiro impacte da cidade foi a colina alta com o forte castelo e a sé e os muitos mosteiros. O cerimonial e os festejos foram exaltados pela beleza e excentricidade. Jogos, danças, teatros, touradas e outros festejos foram narrados com exaustão por estes visitantes ilustres.⁷⁰ Terminavam os festejos as distribuições de alimentos: vinho, pão e a carne dos bois ou dos touros, toureados e mortos. A cidade descrevia-se pelo olhar e pelos cheiros que dela exalavam, ou pela brisa marinha que pôs doentes os embaixadores imperiais.

As crónicas falam-nos, também, de cidades ermas e do seu repovoamento. Foi o caso de Palença que, na altura em que Sancho de Navarra a encontrou, estava coberta de matos e era covil de javalis. Descoberta, durante uma caçada, o soberano povoou-a e fez uma sé no local de um altar em honra de Santo Antoninho mártir⁷¹. Outras tinham ficado despovoadas com o avanço dos mouros como Zamora, a quem Fernando III deu carta de foral, ou Ávila⁷². Outras apareciam como resultado de um povoamento, como Sória, que viria a ser dada por Aragão a Castela, ou Teruel⁷³, ou Salamanca, Segóvia ou Sepúlveda⁷⁴. Outras vezes a cidade aparecia identificada por dois espaços com uma história diferente, como Sevilha: Sevilha, a velha, a cidade goda onde estava a sepultura de

⁶⁸ Fernão Lopes, *Crónica de D. Pedro I*, ed. Civilização, Barcelos, 1965, cap. XIV, pp. 61-63.

⁶⁹ Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, ed. Civilização, Porto, 1949, vol. II, caps. XCV-XCVI, pp. 223-224.

⁷⁰ *Leonor de Portugal, imperatriz da Alemanha. Diário de viagem do embaixador Nicolau Lanckman de Valckenstein*, ed. de Aires de Nascimento, eds. Cosmos, Lisboa, 1992.

⁷¹ *Crónica Geral ...*, vol. III, pp. 249-250.

⁷² *Ibidem*, pp. 321, 329.

⁷³ *Ibidem*, pp. 260, 265.

⁷⁴ *Crónica Geral ...*, vol. IV, p. 7.

St.º Isidoro antes de ser transferida para Leão, e Sevilha, a nova urbe, a cidade muçulmana⁷⁴.

O centro urbano, independentemente da dimensão, era também o local onde se exercia a justiça e onde esta se publicitava, para exemplo de todos os súbditos. Tal aconteceu com o rico homem Fernando Lainez, a quem a infanta D. Sancha fez executar dura justiça sobre o traidor e mostrá-la com pregão em todas as “vilas e mercados” de Castela e Leão⁷⁵.

A cidade era, também, o espaço onde conviviam as três religiões. Daí a referência aos judeus nas cidades cristãs, como Burgos, Sevilha ou Ávila⁷⁶, ou aos muçulmanos que, embora vencidos, continuavam a habitar na sua antiga cidade e a trabalhar as terras. Era na cidade que moravam os judeus ricos que emprestavam dinheiro aos reis e aos nobres. Foi aos judeus de Burgos que Rodrigo Dias de Bivar recorreu, enganando-os, quando se malquistou com o rei Afonso VI⁷⁷. Aqueles eram, na cidade medieval, a marca da diferença, mas também da riqueza e da proximidade ao poder⁷⁸.

Mas os poetas também “olharam” a cidade. Lugar de peregrinação ou de romaria, local para onde os homens se ausentavam à procura de trabalho, a cidade era vista com desconfiança como o espaço onde outros perigos espreitavam os homens, afastados das suas namoradas. Faro era recordada pelos trovadores galego-portugueses pela romaria a St.ª Maria; Guarda e Lugo como as cidades da tardança masculina, que incendiava os corações femininos com as saudades e os ciúmes das mulheres das cidades que eram formosas; Granada pela guerra que levava os homens a *lidar con mouros e muitos prender*”; Lisboa pela armada real; Toledo pela prostituição, etc.⁷⁹.

No *Romancero Viejo*, a cidade continua a ser um espaço de conquista, quer de luta fratricida como a do cerco de Baeza, durante a guerra entre Pedro o Cruel e Henrique de Trastamara, quer de luta entre cristãos e muçulmanos.

*“Cercada tiene a Baeza — ese arráez Andalla Mir,
con ochenta mil peones, — caballeros cinco mil.
Con él va ese traidor, — el traidor de Pero Gil.*

⁷⁴ *Ibidem*, p. 323.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 251.

⁷⁶ *Crónica Geral* ... vol. III, pp. 420, 502, 505.

⁷⁷ *Ibidem*, pp. 420-421.

⁷⁸ *Crónica Geral* ..., vol. IV, pp. 31-32.

⁷⁹ *Cantigas de amigo dos trovadores galego-portugueses*, ed. José Joaquim Nunes, Centro do Livro Brasileiro, Lisboa, 1973, vol. II, pp. 447-451, 458-459, 454-455, 355, 349, etc.; *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*, ed. Rodrigues Lapa, ed. Galaxia, 1970, pp. 582, 545

*Por la puerta de Bedmar — la empieza de combatir;
ponen escalas al muro, — comiéndanle a conquistar;
ganada tiene una torre, — no le pueden resistir,
cuando de la de Calonge — escuderos vi salir. (...)”⁸⁰*

Noutro cerco a Baeza, agora por muçulmanos, o cancionero referia-se a Baeza, — *esa ciudad torreada*”⁸¹.

Jaén, atacada por Granada, que a pretendia reconquistar, era cantada em versos que mostravam a riqueza e a magnificência dos guerreiros granadinos:

*“— Reduán, bien se te acuerda — que me diste la palabra
que me darías a Jaén — en una noche ganada.
Reduán, si tú lo cumples, — daréte paga doblada,
y si tú no lo cumplieres, — desterrarte he de Granada;
echarte he en una frontera — do no goces de tu dama.
Reduán le respondía — sin demudarse la cara:
— Si lo dije, no me acuerdo, — mas cumpliré mi palabra.
Reduán pide mil hombres, — el rey cinco mil le daba.
Por esa puerta de Elvira — sale muy gran cabalgada.
¡Cuánto del hidalgo moro! — ¡Cuánta de la yegua baya!
¡Cuánta de la lanza en puño! — ¡Cuánta de la adarga blanca!
¡Cuánta de marlota verde! — ¡Cuánta aljuba de escarlata!
¡Cuánta pluma y gentileza! — ¡Cuánto capellar de grana!
¡Cuánto bayo boeceguí! — ¡Cuánto lazo que le esmalta!
¡Cuánta de la espuela de oro! — ¡Cuán estribera de plata!
Toda es gente valerosa — y experta para batalla;
en medio de todos ellos — va el rey Chico de Granada.
Míranlo las damas moras — de las torres del Alhambra. (...)”⁸².*

Também o romanceiro sabia cantar a alegria da festa e a alegria da vitória, depois da tristeza da derrota. Foi o caso do romance de Antequera, conquistada pelos cristãos, em 1410, cuja notícia foi transmitida ao rei de Granada, durante uma festa na manhã de S. João.

⁸⁰ *El Romancero viejo*, ed. de Mercedes Díaz Roig, Catedra, Madrid, 1994, p. 85.

⁸¹ *Ibidem*, p. 86.

⁸² *Ibidem*, p. 87.

*“La mañana de San Juan — al tiempo que alboreaba,
gran fiesta hacen los moros — por la vega de Granada.
Revolviendo sus caballos — y jugando de las lanzas,
ricos pendones en ellas — broslados por sus amadas,
ricas marlotas vestidas — tejidas de ora y grana.
El moro que amores tiene — señales de ello mostraba,
y el que no tenía amores — allí no escaramuzaba.
Las damas moras los miran — de las torres del Alhambra,
también se los mira el rey — de dentro de la Alcazaba.
Dando voces vino un moro — con la cara ensangrentada:
— Con tu licencia, el rey, — te daré una nueva mala:
el infante don Fernando — tiene Antequera ganada;
muchos moros deja muertos, — yo soy quien mejor librara,
siete lanzadas yo traigo, — el cuerpo todo me pasan,
los que conmigo escaparon — en Archidona quedaban.
Con tal nueva el rey — la cara se le demudaba;
manda juntar a los suyos, — hace muy gran cabalgada,
y a las puertas de alcalá, — que la Real se llamaba,
los cristianos y los moros — una escaramuza traban.
Los cristianos eran muchos, — mas llevaban orden mala,
los moros, que son de guerra, — dádoles han mala carga,
de ellos matan, de ellos prenden, — de ellos toman en celada.
Con la victoria, los moros — van de vuelta de Granada;
a grandes voces decían: — ¡La victoria ya es cobrada!”⁸³.*

A cidade era também entendida como um espaço feminino, ou seja, a cidade desejada era uma mulher. A ela, Granada, o rei cristão prometia-lhe em arras Córdoba e Sevilha, e a mulher/Granada respondia-lhe que não era viúva, mas sim mulher de um rei mouro.

*“(…) — Yo te agradezco, Abenámar, — aquesa tu cortesía.
¿Qué castillos son aquéllos? — ¡Altos son y relucían!
El alhambra era, señor, — y la otra la mezquita,
los otros los Alixares, — labrados a maravilla.
El moro que loa labraba — cien doblas ganaba ao día,
(…)*

⁸³ *Ibidem*, p. 91.

*El otro es Generalife, — huerta que par no tenía,
el otro Torres Bermejas, — castillo de gran valía.
Allí habló el rey don Juan, — bien oiréis lo que decía:
— Si tú quisieres, Granada, — contigo me casaría;
daréte en arras y dote — a Córdoba y a Sevilla.
— Casada soy, rey don Juan, — casada soy, que no viuda;
el moro que a mí me tiene — muy grande bien me quería.”⁸⁴.*

Espaço feminino, a cidade aparecia no arcipreste de Hita como:

— o espaço de luxúria:

*“(…) Fueron por la loxuria çinco nobles çibdades
quemadas e destruidas; las tres por sus maldades,
las dos, non por sua culpa, mas por las veçindades”⁸⁵;*

— da justiça inoperante, exemplificada na fábula da cidade de Bugia, no norte de África, cujo alcaide era um macaco⁸⁶, do rei dinheiro a quem tão pouco escapavam Roma e o clero, a justiça ou as mulheres⁸⁷,

— das mulheres elegantes e belas, conquistadoras de homens

*“ Toda muger del mundo e dueña de alteza
págase del dinero e de mucha riqueza ”⁸⁸;*

— ou o espaço da conquista masculina

*“!Ay, Dios, e cuán hermosa viene Donã Endrina por la plaça!
¡Qué talle, qué donaire, qué alto cuello de garça!
¡Qué cabellos, qué boquilla, qué color, qué buenandança!
Con saetas de amor fiere quando los sus ojos alça.”⁸⁹,*

que utilizava as alcoviteiras para atrair uma jovem mais recatada e difícil:

⁸⁴ *Ibidem*, pp. 93-94.

⁸⁵ Juan Ruiz, arcipreste de Hita, *Libro de buen amor*, ed. Alberto Blecua, ed. Catedra, Madrid, 1996, p. 71.

⁸⁶ *Ibidem*, pp. 84-98.

⁸⁷ *Ibidem*, pp. 128-137.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 133.

⁸⁹ *Ibidem*, pp. 164-165.

*“Fallé una tal vieja qual avía mester,
artera e maestra e de mucho saber;
Doña Venus por Pánfilo non pudo más fazer
de quanto fizo auésta por me fazer plazer.*

*“Como lo han de uso estas tales buhonas,
andan de casa en casa vendiendo muchas donas;
non se reguardan d’ellas, están con las personas,
fazen con mucho viento andar las atahonas”⁹⁰.*

A cidade era o espaço do boato, da maledicência

*“De pequeña cosa nasce fama en la vezindat;
desque nasce, tarde muere, maguer non sea verdat,
siempre cada día creçe con enbidia e falsedat
poca cosa le enpeçe al mesquino en mesquindar”⁹¹.*

Na literatura de pendor religioso, a cidade traduzia o mito estereotipado de dois espaços antagónicos: o paraíso e o inferno ou o Bem e o Mal. Jerusalém opunha-se a Babel ou a Sodoma e Gomorra. Remetendo-as para descrições bíblicas, os textos medievais descreviam simbolicamente essas cidades. Assim, Jerusalém era evocada nos seguintes termos pela abadessa Hildegarde de Bingen: *“cidade de ouro, ornada de púrpura real”, “luz jamais obscurecida”, “as tuas janelas, ó Jerusalém, / foram especialmente decoradas / de topázio e safira”, “Também as tuas paredes / lançam o brilho das pedras vivas / e que, levadas pelo supremo zelo / da boa vontade, / voaram como nuvens no céu.”⁹².*

No *Conto de Amaro*, ou na vida de St.º Amaro, o paraíso tem a forma de um castelo ou, melhor dizendo, de uma cidade fortificada tal era a sua área, à qual Amaro chegou depois de ter deixado a barca num porto. O castelo ficava no cimo de uma montanha. Era de mármore e era fortalecido por cinco torres de onde saíam cinco rios. Ali não havia trevas, nem chuva, nem frio, nem calor. Tendas coloridas espalhavam-se no seu interior, rodeadas de belas árvores, flores e muitos perfumes, e de belas aves de canto mavioso. Jovens criaturas tocavam guitarras, violas e outros instrumentos musicais, ou não

⁹⁰ *Ibidem*, pp. 173-174.

⁹¹ *Ibidem*, p. 175.

⁹² In *A cidade de Silves ...*, pp. 125-127.

fosse a música celestial. “E Amaro vyo dentro tantos prazeres e tantos sabores e tantos viços quantos nom poderyam contar”.

St.º Amaro pediu ao porteiro do paraíso um pouco de terra e regressou ao porto, onde deixara o barco e os seus companheiros. E nele encontrou uma grande cidade, onde antes deixara um porto e quatro casas. Acolhido pelos novos habitantes, descendentes dos seus companheiros, pois passaram-se mais de dois séculos, Amaro pediu um território para povoar e partiu. Então “começou de deitar da terra que trouxera do parayso terreal que cheirava mais e melhor de todallas cousas do mundo”, e dela nasceu uma nova cidade “com muy nobres casas e muitas viinhas e pumares e muitas ortas e creciam aly as arvores em huum anno mais que em outro logar em cinco”⁹³.

Mas a literatura moralizante utilizava a cidade empolando certos estereótipos que lhe eram comuns: o avarento usurário, o mau juiz, os novos-ricos, os mercadores, as mulheres e a sua maldade, os pobres, os leprosos, as feiticeiras⁹⁴.

Em conclusão, o olhar sobre a cidade acompanhou a evolução da própria sociedade, permitindo diferentes olhares sobre aquela. Lugar de salvação ou lugar de perdição, a cidade era o símbolo da sociedade em mudança e em crescimento, permitindo que outros olhares sobre ela pousassem. Empolados e admirativos ou marcados por estereótipos negativos, os olhares aparecem-nos sempre em função do sujeito e do sentimento que o objecto, a cidade, lhe auto-gerava, quer fosse a curiosidade ou o desejo, quer o receio.

⁹³ Mário Martins, *Estudos de literatura medieval*, Braga, 1956, pp. 28-29.

⁹⁴ *Le rire du prédicateur*, ed. de Albert Lecoy de la marche, ed. Brepols, 1992, pp. 93-141.

